

A INVISIBILIDADE, AINDA EXISTENTE, DA LITERATURA SURDA NAS ESCOLAS DE SURDOS

The invisibility, still existing, of Deaf Literature in schools for the deaf



Renata Ohlson Heinzelmann Bosse

Professora de Libras e Português do departamento de Ensino da IFRS, Doutora em Educação (UFRGS).

RESUMO

O presente trabalho aborda sobre a literatura surda, um conceito recente, mas que esteve presente no documento de 1999 “A educação que nós surdos queremos” através de aspectos que compreendo como literatura surda. Após 20 anos da passeata, o que percebo é que não houve muitos avanços na educação de surdos no que tange a literatura surda que possui várias definições, mas destaco aquela que se refere às histórias, identidade e cultura surda presentes nas narrativas em língua de sinais. Desta forma, o que ainda se encontra na escola são bibliotecas fechadas, incentivo apenas ao teatro e a pintura e muito pouco acesso a leitura de textos sinalizados, disponíveis em vídeos. A literatura surda ainda não é bem compreendida pelos alunos, mas isso se deve a falta de compreensão dos próprios professores que confessam seu frágil conhecimento e a falta de formação que apresente as possibilidades de trabalhar a literatura surda. O que se percebe diante dos dados e relatos é que a literatura surda continua em processo de execução

Palavras-chave: Literatura Surda. Educação de Surdos. Documento de 1999.

ABSTRACT

The present work addresses, on deaf literature, a recent concept, but which was present in the 1999 document "The education that we deaf want", through aspects that I understand as deaf literature. After 20 years of the march, what I realize is that there have not been many advances in deaf education regarding deaf literature that has several definitions, but I highlight the one that refers to the deaf stories, identity and culture present in the narratives in sign language. To date, what is still found in schools are closed libraries, incentives only for theater and painting and very little access to reading signed texts, available in videos. Deaf literature is still not well understood by students, but this is due to the lack of understanding of the teachers themselves who confess their fragile knowledge and the lack of training to allow the possibility of working with deaf literature. What can be seen from data and reports is that the deaf literature continues to be implemented.

Keywords: Deaf Literature. Deaf Education. Document from 1999.



**LEIA EM LIBRAS ACESSANDO O
QR CODE AO LADO OU O LINK**

<https://www.youtube.com/channel/UCosR0agJVuvT-26VxiR3cTQ>

Canal do DDHCT INES no YouTube



1 INTRODUÇÃO

Este capítulo se constitui sobre a Literatura surda nos 20 anos a partir de 1999, em que durante o Pré- Congresso ao V Congresso Latino Americano de Educação Bilíngue para surdos, realizado em Porto Alegre/RS, no Salão de Atos da Reitoria da UFRGS nos dias 20 a 24 de abril de 1999, a comunidade surda, envolvendo professores, pesquisadores, intérpretes, familiares e estudantes surdos, elaborou o documento "A educação que nós surdos queremos", que foi entregue ao Governador da época durante a passeata realizada até o Palácio do governo.

O documento "A educação que nós surdos queremos" (FENEIS, 1999) não menciona o termo "literatura surda", visto que esse conceito e sua definição surge posteriormente, em Grupos de pesquisa, como o GIPES - Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos. O documento de 1999, previa um ensino com diretrizes para as áreas educacional, social, cultural e linguística, reafirmando o direito à língua de sinais e à escolarização dos surdos, a necessidade de

reconhecimento das línguas de sinais, o direito à tradução e interpretação, entre outros temas.

Com base no que se previa no documento e na minha trajetória acadêmica durante o mestrado discutindo as produções da Literatura Surda, a qual dou continuidade no doutorado abordando o currículo da Literatura Surda nas escolas de surdos é possível pensar no quanto a literatura surda esteve e está presente na escola de forma, ainda, invisível.

Sabe-se que antes de 1999, não havia reconhecimento da língua de sinais por parte da sociedade e em algumas escolas, e conseqüentemente não existiam publicações ou o reconhecimento de cultura surda. Pois o ensino era focado na aprendizagem da fala e da língua portuguesa. Porém, as histórias, narrativas, piadas, poemas, em língua de sinais, circulavam na comunidade surda e de forma distante daqueles que desconheciam e ou desprestigiavam a língua de sinais. (KARNOPP, KLEIN, LUNARDI-LAZZARIN, 2011, p. 18).

A pesquisa que venho desenvolvendo sobre o currículo da literatura nas escolas de surdos, tem como objetivo pensar a educação, educação escolar bilíngue e a literatura surda no currículo escolar bilíngue e está vinculado ao GIPES, através do projeto “Produções Culturais Surdas no contexto da Educação Bilíngue” que foi desenvolvido por pesquisadoras de três universidades federais do Estado do Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS; Universidade Federal de Pelotas - UFPel; e a Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, as quais vêm desenvolvendo investigações no campo da cultura e educação de surdos. (KARNOPP; KLEIN; LUNARDI-LAZZARIN, 2018). Neste projeto encontram-se dados do mapeamento das escolas de surdos do estado do Rio Grande do Sul com o objetivo de analisar a circulação e o consumo de artefatos culturais em contextos da educação bilíngue.

A retomada desse tema no Doutorado me desafia a olhar para as escolas de surdos e seus movimentos literários, bem como ao modo como a literatura surda está presente no cotidiano dos professores e alunos, em suas vivências e práticas escolares.

2 A LITERATURA SURDA QUE NÓS SURDOS QUERÍAMOS EM 1999

Ao pensar a literatura surda há 20 anos, recordo-me da minha passagem pela escola de surdos, em que durante todo o processo escolar, a leitura e a sinalização me constituíram enquanto surda sinalizante interessada em literatura, mas não foi na escola que descobri o amor pelos livros. Meu acesso ao mundo literário foi incentivado em casa. A escola oportunizava o desenvolvimento cultural e artístico por meio do teatro, que também é um aspecto da cultura surda. Porém, meus anseios, enquanto estudante, era conhecer mais sobre as obras literárias.

Foi durante os estágios, no período da graduação, com alunos surdos, que

adotei uma postura positiva sobre o surdo que lê e aprecia a leitura. Eu desejei ser uma referência para estudantes que também amam a literatura, mas não tiveram a oportunidade nesta área do conhecimento. Desta forma, retornar para a escola de surdos, como professora da literatura surda era, também, um movimento de aproximação a estes alunos, com algo que me encanta e que poderia encantá-los.

Quando analiso o acontecimento histórico de 1999, encontro muitas das reflexões que já fazia no tempo em que estudava. Em análise ao documento, percebo que embora a ênfase fosse no currículo, no ensino de conteúdos e a preocupação com a língua portuguesa como segunda língua, é possível apontar que a literatura surda, não com esta definição, aparece representada nas expressões artísticas e culturais em língua de sinais.

Para esta análise dos 20 anos de literatura surda, primeiramente, é preciso definir este conceito. Karnopp (2010) reflete que “Literatura Surda” se refere às histórias, identidade e cultura surda presentes nas narrativas em língua de sinais.

Literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente. (KARNOPP, 2010, p. 161).

A Literatura surda como forma de expressão artística e cultural em língua de sinais, foi também o tema de pesquisa da Tese de Mourão (2016), ao afirmar que as mãos surdas são mãos literárias que produzem significados para todas as gerações.

A Literatura Surda, portanto, faz parte da cultura surda, que foi sendo construída nos processos sociais dos sujeitos surdos, com suas experiências visuais, sua língua própria, compartilhada entre os surdos. Esses processos, formadores de identidades, transmitidos de geração a geração, tiveram consequências em áreas políticas e de educação, contribuindo para constituir o ser surdo. (MOURÃO, 2016, p. 35).

Embora a literatura surda seja um objeto recente de estudo e pesquisa, como vimos anteriormente, tem-se a compreensão de que os aspectos que compõem esta área de conhecimento estão presentes nas escolas de surdos de forma invisível, pois a comunidade surda faz uso da literatura de maneira informal. O documento “A educação que Nós Surdos Queremos” abordar a literatura surda em diferentes temas, neste sentido, optei pelo tema “Comunidade, Cultura e Identidade” (FENEIS, 1999, p. 11 -18) para relacionar com a pesquisa que venho desenvolvendo sobre literatura surda.

O tema escolhido também subdivide-se em sete subtemas, trata inicialmente sobre a “Identidade Surda” e a definição do “Ser Surdo”. A seguir surge o Subtema “As línguas de Sinais”, em que é possível perceber a defesa e o reconhecimento da língua de sinais como língua de uso e de instrução dos surdos. Me chama a atenção os itens 65 e 68 do documento.

65. Reconhecer a língua de sinais como língua da educação do surdo, já que é expressão das cultura/s surda/s - Língua e cultura não indissociadas.

68. Observar que a evolução cultural da comunidade surda se dá a partir do registro escrito, da filmagem, de fotos, desenhos... que são meios que possibilitam o acúmulo do conhecimento.

Como mencionei antes, o termo literatura não aparece neste documento, porém quando tratamos de expressão da cultura, registro cultural da comunidade surda, são notáveis que havia demandas de um ensino que abordasse a literatura em língua de sinais. E isso, foi também, apontado no subtítulo “O Currículo das Escolas de Surdos” (FENEIS, 1999, p. 13), em que apresento os itens 54, 79, 80 e 81 para reflexão relacionada à pesquisa que venho desenvolvendo.

54. Fazer com que a escola de surdos insira no currículo as manifestações das cultura/s surda/s: pintura, escultura, poesia, narrativas de história, teatro, piadas, humor, cinema, história em quadrinhos, dança e artes visuais, em sinais. A implantação de laboratórios de cultura surda se faz necessária.

79. Criar livros e histórias onde apareça o sujeito surdo sem presença de estereótipos.

80. Oferecer aos educandos surdos o conhecimento de tecnologia de apoio, ou seja: os aparelhos especiais para uso de surdos, por exemplo, aparelhos TDD, TV com decodificador de legenda e equipamentos luminosos para construções e trânsito.

81. Conhecer a história surda e seu patrimônio, os quais proporcionam o estabelecimento de sua identidade surda.

Estes itens lembram a minha caminhada como estudante e que é semelhante com a história de Silveira (2015), quando em sua tese, coloca que na década de 1980, a escola era o espaço onde muito se produziu e reproduziu a literatura surda de maneira informal, com surdos que contavam piadas e histórias. “As narrativas, as piadas eram destaque e reuniram um grande número de colegas, que as contavam, durante o intervalo ou mesmo durante as aulas.” (SILVEIRA, 2015, p. 15).

O uso da literatura surda é recorrente, os grupos de surdos naturalmente traziam suas histórias de vida, suas vivências do cotidiano para dentro da escola e da sala de aula, mas não se tinha a dimensão de que toda esta produção cultural poderia ser explorada no currículo. E através do documento de 1999, percebe-se a necessidade de um currículo que previsse e valorizasse as produções que os alunos traziam de maneira informal.

No subtítulo “As Artes Surdas” (FENEIS, 1999, p. 16) nota-se que o item 90 e 103 faz crítica às escolas que primam por desenhos pré-feitos, em que os alunos apenas pintam sem desenvolver suas habilidades artísticas ou corais de surdos que imitam a sinalização sem qualquer sentido para seu conhecimento. Embora seja possível fazer adequações para que se forme um grupo de coral que sinalize em conjunto, desde que as pessoas surdas envolvidas saibam o sentido do que estão sinalizando, vejo a mídia tratar isso como um grande espetáculo, crianças surdas incluídas sinalizando músicas sem qualquer sentido à elas, da mesma forma é possível

notar que algumas escolas de surdos levam seus alunos para apresentações artísticas e culturais em que as crianças sinalizam de forma copiosa um professor ouvinte. Não se pode desconsiderar o trabalho artístico que deve ser proporcionado aos alunos surdos, porém é preciso observar o que o documento aborda, pois são reflexões bem atuais que nós surdos defendemos como:

- Abordar os conceitos e definições sobre arte e cultura surda;
- Garantir o contato com a arte surda através de vídeos, fotos, pinturas, teatros;
- Proporcionar encontros com artistas surdos;
- Expressar a arte como as mãos, corpos, face considerando sua experiência visual;
- Oportunizar a formação para professores sobre a arte e cultura surda;
- Repensar e discutir a arte surda como conhecimento significativo para os alunos;

Os itens acima, foram resumidos do documento (FENEIS, 1999, p. 16 - 17) com o objetivo de mostrar o quanto em 20 anos, alguns discursos permanecem os mesmos e o quanto a escola precisa repensar o seu currículo.

O subtema “As Culturas Surdas” (FENEIS, 1999, p.18), também apresenta discursos, que encontram-se em várias dissertações e teses sobre Libras, educação de surdos e Literatura surda. Vê-se que na área que venho pesquisando, o item 107 trata sobre “a criação de bibliotecas visuais nas escolas e o acesso a esse acervo pela comunidade surda” e esta é uma das análises que tenho realizado para compreender o lugar da literatura surda na escola, em que me deparo com escolas que mantêm suas bibliotecas fechadas, em que o aluno só tem acesso quando algum professor tiver alguma atividade que envolva a literatura, já outros professores optam por levar a literatura apenas para a sala de aula, e muitos alunos não acessam a biblioteca por falta de incentivo.

Os itens 109 e 110 colocam a necessidade de estimular as crianças a produzirem em língua de sinais e registrarem as histórias por meio da escrita de sinais, em vídeo, desenhos ou pinturas. Parte dessas atividades são realizadas pelos professores, porém, nem sempre a literatura é apresentada aos alunos. Mourão (2016) relata que em entrevista com alguns artistas surdos, estes não sabiam que suas histórias, piadas e poemas constituíam a Literatura Surda

Para finalizar aponto ainda alguns pontos frágeis e limitações na área da literatura surda, conforme as entrevistas:

- Para muitos sujeitos surdos há desconhecimento da Literatura Surda e gêneros literários.
- Os surdos não foram ensinados sobre Literatura Surda nas escolas de surdos, por conta da falta de fluência na língua de sinais e/ou falta de profissionais da área.

- Para os ouvintes que desconhecem a LIBRAS, fica difícil identificar o que é produzido na sinalização da Literatura Surda. (MOURÃO, 2016, p. 205)

Portanto, a literatura surda, prevista no documento ainda permanece em estudo e em busca de sua consolidação nos currículos escolares, a fim de proporcionar a experiência bilíngue para os sujeitos surdos. Conforme destaquei em minha dissertação, na escola de surdos, “recebi o aprendizado e as lições para minha vida. Conheci sobre a minha cultura e a forma de ser e viver das comunidades surdas.” (BOSSE, 2014, p. 18). Naquele contexto, as práticas de leitura, como prática de construção de um leitor, não eram desenvolvidas e estimuladas, mas no contato com surdos adultos conhecíamos histórias que hoje compreendo como narrativas da literatura surda.

3 A LITERATURA SURDA COMO OBJETO DE PESQUISA NA ATUALIDADE

Quando se fala de Literatura, normalmente a compreensão das pessoas é de que se trata de uma produção, uma obra específica. No sentido de esclarecer e dar à Literatura seu papel como uma área de conhecimento, a academia contribui para diferenciar as peculiaridades da Literatura.

Talvez seja possível encontrar uma forma de especificar o conceito de Literatura Surda, que se apresenta de forma “muito aberta”; mas não pretendo fechar em uma conceitualização definitiva. O estudo que realizo nesta pesquisa busca, nas leituras dos livros e nas mãos literárias, o que me passou enquanto experiência literária significativa dos entrevistados, mas isso não significa que a conceitualização esteja completa. (MOURÃO, 2016 p. 33).

Para refletir sobre que tipo de literatura estou falando, articulo minha reflexão sobre a literatura surda a partir das reflexões de Daniel Munduruku, autor indígena que, em suas obras, trata e defende a cultura indígena. Segundo Munduruku, a necessidade de adjetivar a Literatura Indígena se dá para mostrar a perspectiva cultural dessas produções, se diferenciando daquelas que tratam os povos indígenas sob uma perspectiva equivocada. E sob este olhar, a Literatura Surda também se diferencia, pois a cultura surda retrata aspectos do cotidiano das comunidades surdas como suas brincadeiras, seus jogos, suas histórias e vivências, seu humor e o uso da língua de sinais.

Da mesma forma, quando estudamos e nos referimos a Literatura surda, também há a necessidade de marcar o lugar dos surdos como um lugar da experiência visual, da língua e da cultura, rompendo com a ideia de outras produções que tratam os sujeitos surdos a partir da oralidade, da superação, da falta de audição, entre outros estereótipos que ratificam essas ideias, e que

se encontram discutidas no documento de 1999. No subtema “O Currículo das Escolas de Surdos” é possível perceber orientações para que as escolas evitem abordagens estereotipadas.

78. Contra-indicar uso de livros e materiais didáticos que ofereçam imagens estereotipadas, responsáveis por manter discriminações em relação aos surdos.

79. Criar livros e histórias onde apareça o sujeito surdo sem presença de estereótipos. (FENEIS, 1999, p. 13).

Este estereótipo que marca a falta da audição e não a presença da língua de sinais, são comumente encontrados em obras que desconhecem a cultura surda e conseqüentemente utilizados por professores que também não possuem a formação necessária para a educação de surdos. Trabalhar com a literatura surda, pode e é compreendida por outros professores como forma de segregação de conhecimento, limitando os alunos surdos a um mundo fechado, que os impede de conhecer o mundo ouvinte. Mas sabe-se que a educação tem como prioridade a formação identitária da criança, e como trabalhar a identidade sem relacionar sua vivência e experiência visual com histórias que façam sentido para ela?

Munduruku, em seus relatos, destaca que a sociedade, muitas vezes critica o que podemos chamar de uma segregação das comunidades indígenas, destacando que as mesmas se isolam do todo da sociedade. Da mesma forma, as comunidades surdas muitas vezes também são vistas pela sociedade como guetos ou segregadas, criticando sob o argumento da não inclusão pelos próprios surdos. A questão que destaco nesse argumento é justamente o contrário. Tanto as comunidades indígenas quanto as comunidades surdas, querem garantir seu espaço cultural e para isso se utilizam, por exemplo, da literatura para marcar esse espaço cultural, para mostrar, como ressaltado anteriormente, os aspectos de seu cotidiano.

Assim, podemos ter na Literatura Surda uma possibilidade de herança para as futuras gerações, já que, sob a perspectiva cultural, ela trata das histórias muitas vezes já vividas por seus pares. Reconta em outro registro - o registro escrito, para o povo surdo, e como diz Munduruku para o povo indígena, histórias que até então eram passadas oralmente ou sinalizadas.

Munduruku nos diz em uma entrevista ainda que

a literatura é uma forma de manifestar a cultura do meu povo, cultura de um povo indígena, a cultura geral desse povo (...) ela sou eu (autor - meu grifo) e todo o meu povo que eu carrego comigo (MUNDURUKU, 2018, TEMPO VIDEO 4:10) ¹.

Aqui, Munduruku destaca que o seu lugar de autor carrega o seu povo, já que as comunidades indígenas se veem de uma forma holística. De outra forma, se falarmos sobre os autores surdos, apesar das comunidades surdas não se

1 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SNiCVnf8uCg&index=2&t=451s&list=WL>>.

entenderem sob essa mesma forma holística, de certa forma também carrega o seu povo ou sua comunidade em muitos aspectos. Contudo, as comunidades surdas não são constituídas apenas por sujeitos surdos, os ouvintes também compartilham da cultura surda.

Assim como Karnopp (2010) ressalta a importância das produções da Literatura Surda serem feitas em língua de sinais em função da experiência visual. Durante muito tempo não havia registros em vídeo dessas produções, contudo, apesar de ainda escasso, é possível encontrar, atualmente, produções relacionadas a arte surda, a cultura surda, a literatura surda, entre outros, conforme podemos observar nas figuras a seguir.

Figura: cartazes de eventos organizados pela comunidade surda sinalizante.

Figura 01



Fonte: <https://festivaldefolcloresurdo.com/o-festival/>

Figura 02



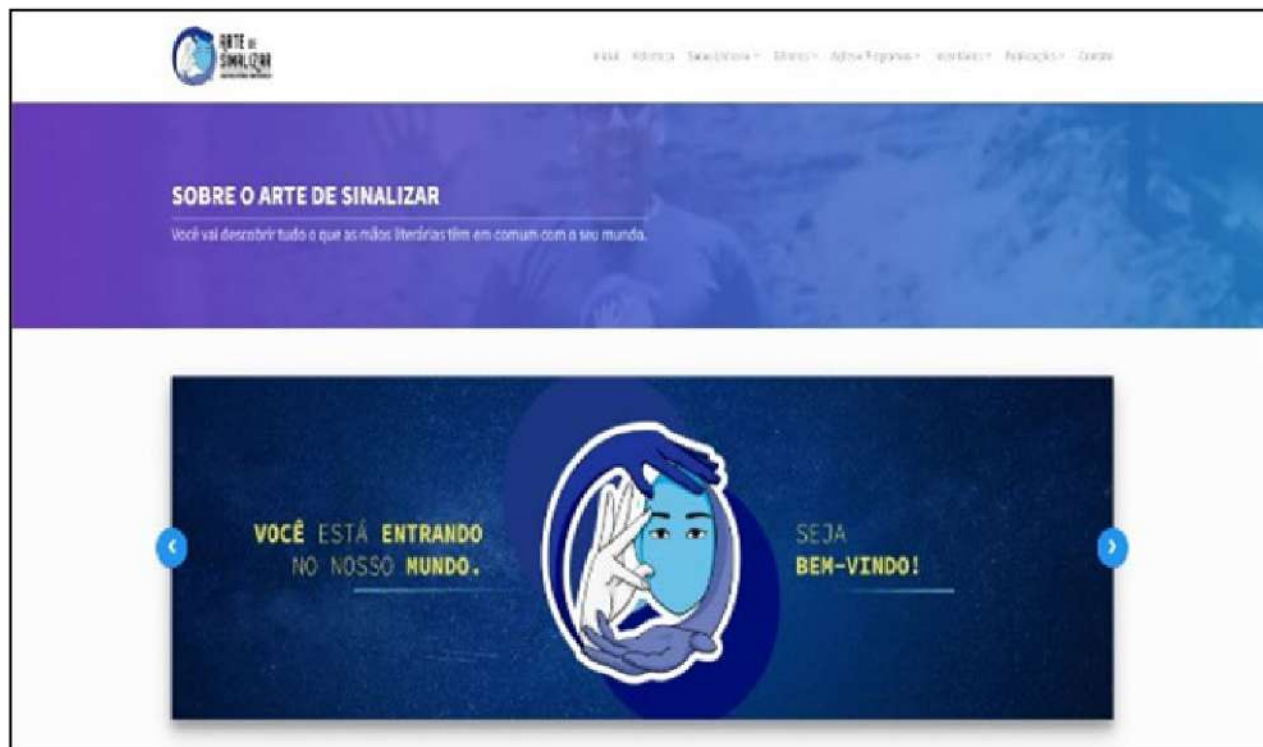
Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1740545359347070&set=ecnf.100063467599573>

Figura 03



Fonte: <https://www.facebook.com/112968902115973/photos/a.212993325446863.53144.112968902115973/719637298115794/?type=1&theater>

Figura 04



Fonte: <https://www.ufrgs.br/artedesinalizar/>

Figura 05



Fonte: https://www.sympla.com.br/1-festival-cultural-maos-para-me-ouvir-gratuito__40579#info
<https://infonet.com.br/noticias/cultura/semeiar-promove-debate-sobre-libras-e-arte-contemporanea/>

Figura 06



Fonte: <https://infonet.com.br/noticias/cultura/semear-promove-debate-sobre-libras-e-arte-contemporanea/>

Figura 07



Fonte: <https://www.marilia.unesp.br/#!/noticia/1889/curso-de-teatro-em-libras-e-oferecido-pela-unesp/>

Karnopp (2010) refere-se à experiência visual, salientando a preferência das pessoas surdas por produções feitas em língua de sinais, Mourão (2016) ratifica essa ideia quando sugere o termo “visualiterária” para nomear as produções literárias e artísticas em língua de sinais, bem como a visualidade do povo surdo que contribui para construção de significados e apropriação da Literatura Surda.

Grande parte da Comunidade Surda precisa descobrir o novo mundo literário à sua frente, repleto de fantasia e nele, o prazer da leitura. Para tanto, é fundamental o apoio da escola, familiares e comunidade. A inexistência de conteúdo literário tolhe do aprendiz esse direito. (MOURÃO, 2015, p.74).

Rosa (2006, p.61) e Karnopp (2010, p. 161) referem que em relação à Literatura Surda, há muitas dificuldades dentro da escola. Dessa forma os autores destacam a importância da presença do uso da Literatura Surda dentro da sala de aula. Rosa (2006) afirma que apesar das propostas com temas e conteúdos relacionados à Literatura Surda serem uma realidade nas escolas, o trabalho com a mesma não é qualificado pela falta de domínio e fluência da Língua de Sinais pelos professores. Karnopp (2010) destaca que os elementos de dificuldade relacionados à Literatura Surda são observáveis a partir da produção e expressão dos alunos surdos tanto na modalidade escrita quando nos vídeos gravados em Língua de Sinais. Muitas produções parecem ser apenas cópias do discurso do

professor e não uma produção autônoma dos alunos. Outro elemento destacado pela autora não é a timidez propriamente dita, mas uma retração que limita a produção do aluno.

Assim, Rosa (2006) e Karnopp (2010), mostram que o problema da apropriação da Literatura Surda é recorrente e que para garantir que haja de fato uma apropriação, é necessário a estimulação e o ensino de Literatura Surda desde a infância. É importante que as crianças surdas tenham contato com livros, estímulo do uso da Língua de Sinais, professores com boa didática e que utilizem brincadeiras, teatro, piadas nas atividades de sala de aula para que consigam se apropriar da Literatura ao longo de seu desenvolvimento.

Apesar de pesquisas anteriores apontarem faltas de materiais e produções relacionados à área da Literatura Surda, há um aumento de materiais e pesquisas na área acadêmica como teses, dissertações e artigos que estão disponíveis para consulta na plataforma da CAPES. Karnopp, Klein e Lunardi-Lazzarin (2011) registram as produções desenvolvidas por pesquisadores na área da Educação de ensino superior, as pesquisas vinculadas ao GIPES realizam mapeamentos, desde 2010, de “produções culturais consolidadas em editoriais impressos ou em formato digital com distribuição comercial ou gratuita”. As produções culturais coletadas, priorizaram as regiões brasileiras onde se encontram movimentos surdos organizados e espaços escolares de surdos. As autoras destacam que o material coletado prioriza “registros visuais como filmagens, a escrita da língua de sinais, as traduções da Libras e outras produções que tradicionalmente necessitavam do encontro presencial entre surdos”.

As produções editoriais como livros, DVDs, foram catalogadas pelo Grupo de Pesquisa, e somam noventa obras impressas e ou em DVD (KARNOPP, KLEIN, LUNARDI-LAZZARIN, 2011, p. 22-23).

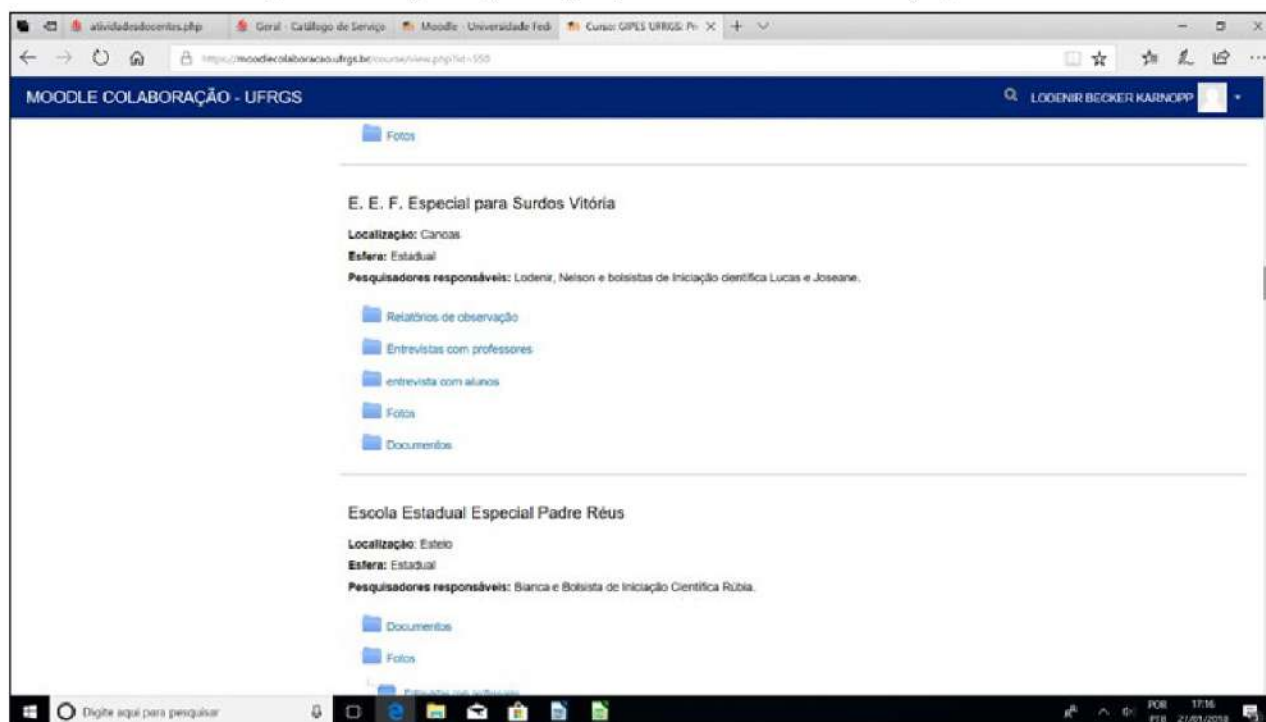
As produções com circulação livre na Internet, as autoras destacam que os materiais analisados, são vídeos do *Youtube* e se apresentam em diferentes categorias: encenações, propagandas, piadas e demais manifestações de pessoas surdas.

Ao categorizar os dados coletados, alguns elementos se mostraram recorrentes nesses materiais: em cerca de 34% dos vídeos analisados, há participação de ouvintes na produção dos vídeos, como em legendas, fundos sonoro e narração. no entanto, podemos observar que na totalidade das produções coletados há atuação de pessoas surdas, com público-alvo direcionado a pessoas fluentes em libras. (KARNOPP, KLEIN, LUNARDI-LAZZARIN, 2011, p. 24).

Sobre as Produções dos acadêmicos do curso de Graduação em Letras/Libras, foram percebidas que o material catalogado apresentava “uma produtividade na constituição e no fortalecimento de certa feição das produções literárias em libras” e a tipologia textual apresentava ludicidade “destacando-se os textos folclóricos (fábulas), humorísticos (anedotas, piadas), narrativos (contos, contos de fada) e poéticos. (KARNOPP, KLEIN, LUNARDI-LAZZARIN, 2011, p. 26).

O Gipes também possui em seu banco de dados, as pesquisas realizadas em treze escolas de surdos, o ambiente de organização de pesquisa ocorre pelo - Moodle UFRGS - em que os dados coletados estão separados de acordo com as etapas da pesquisa sendo elas observação e entrevistas. Também há registros de entrevistas realizadas com dois professores e dez alunos em cada uma das escolas. As entrevistas originaram cento e cinco documentos relacionados às respostas dos alunos e trinta documentos relacionados às respostas dos professores, esta organização pode ser vista na imagem a seguir.

Figura 02: Organização da pesquisa no moodle colaboração/ UFRGS



Fonte: <https://moodlecolaboracao.ufrgs.br/course/view.php?id=550>

Com base nas entrevistas realizadas com os professores, coletadas pela pesquisa, percebe-se em seus relatos que ainda falta uma apropriação sobre Literatura Surda. Da mesma forma, os alunos demonstram desconhecer a área. Dos dados apresentados, apenas dois alunos mencionaram gostar de teatro ou piada. Esse número reduzido chamou atenção.

Professora: Qual a marca mais importante para você aqui na escola?

Aluno: Não sei.

Professora: Por exemplo as coisas que você vê na escola salas de aula, professores, colegas, de todas essas coisas qual a mais importante, a melhor, qual é?

Aluno: Teatro.

Professora: Teatro? Por que?

Aluno: Eu amo teatro, piadas e dança, ver o teatro é legal e a dança.

Professora: Você assiste o teatro ou participa como ator sinalizante?

Aluno: Assisto.

Professora: Assiste, e quem se apresenta?

Aluno: Refere o sinal de um colega do sexto ano.

Professora: ALUNO (Sinalizou)? Ele apresenta? Quais peças?

Aluno: Sobre Jesus, danças e vejo também piadas engraçadas.

Professora: Que legal. E isso aconteceu uma vez só ou são apresentações recorrentes?

Aluno: Recorrentes.

Professora: Várias vezes. Que interessante. Ano passado eu vim na escola para assistir um teatro (faz um sinal desconhecido), participaram da apresentação várias turmas do quinto, sexto, sétimo e oitavo ano. Foi muito legal. Eu acho que tu não estava, não lembro.

ALUNO de 9 anos do 4 ano do Ensino Fundamental na Escola Particular

Para exemplificar, segue uma das entrevistas realizadas com um dos alunos. Ao serem questionados sobre a Literatura Surda os professores respondem de várias formas, por exemplo um participante respondeu que aborda o tema na biblioteca “mas não é minha área, por isso não sei como expressar”. Miranda (2007) em sua Tese sobre a “Experiência e a Pedagogia que nós surdos queremos” relata sobre os anseios e desejos dos professores das escolas de surdos de construir uma pedagogia surda que garanta uma formação docente que atenda a especificidade surda. Atualmente, é possível perceber formações para professores de Libras e Pedagogia bilíngue, em que a literatura surda está presente como disciplina curricular obrigatória.

Retomando o conceito de visualiterária, um aluno da escola Helen Keller traz com frequência a palavra visual em sua fala. Ele refere a importância da arte, o que provoca reflexões sobre a arte surda, a cultura surda, o trabalho visual, o teatro, a história da cultura surda e exposições de fotografias. Em outro momento afirma também gostar da disciplina de artes por ser bastante visual, o que parece neste relato é a educação fragmentada, onde alguns professores exploram a experiência e vivência visual.

Outro professor relata buscar materiais por exemplo no YouTube, materiais da Editora Arara Azul e afirma que há materiais interessantes para utilizar com os alunos. Ainda outro participante adora trabalhar teatro com seus alunos e refere-se a “teatrinho” possibilitando a percepção de que o teatro é trabalhado de forma rápida.

Outro professor fala que percebe na escola a necessidade da existência de salas com materiais minimamente adequados para a produção, por exemplo,

materiais com mais tecnologia, uso de filmagem. Também referiu querer um curso sobre mídia, relato que podemos relacionar com visualidade da sinalização.

Assim, o que vemos são alunos sem conhecimento do que é literatura surda, professores que desejam mas não sabem como trabalhar e ou professores que não trabalham por que não possuem formação sobre a literatura surda. Este tipo de apontamento, demonstra a dificuldade da escola em compreender a importância da Literatura surda, assim como Sutton-Spence (2013, p. 17) afirma que é muito difícil “definir a literatura surda, porque, a literatura em língua portuguesa é muito evidente, está registrada nos livros”, talvez seja a hora de colocar em prática o que vem se propondo desde 1999. A formação em Literatura Surda para professores atuantes das escolas, e propor atividades que os ajudem a trabalhar a literatura surda de forma interdisciplinar.

4 LITERATURA SURDA 20 ANOS EM ANDAMENTO (CONCLUSÃO)

Conclui-se que ao longo do tempo, com os apontamentos de que a educação de surdos que queríamos em 1999 não é diferente da que queremos hoje. A literatura surda garantida no currículo escolar, como forma de explorar a criatividade e favorecer o conhecimento por meio das narrativas, da contação de histórias. Entendo que os estudos sobre como trabalhar a Literatura Surda e a infinidade de idéias e materiais que podem e devem ser utilizados para esse fim, vem aos poucos se disseminando. Logo, já não é o momento das escolas trabalharem essas questões?

Em minha experiência acadêmica na graduação e pós graduação, cresci intelectualmente e vejo o quanto a leitura promove o saber. Entendo que é preciso repensar a literatura surda no currículo das escolas por onde circulam os surdos, promover sentimentos de lutas políticas por reconhecimento, pela diferença, pelos direitos linguísticos e culturais através da abordagem literária.

A literatura na escola de ouvintes tem sido valorizada e se tornou indispensável para o ensino, sendo inclusive pontos de avaliação em provas seletivas. Na educação de surdos, a literatura pode ser trabalhada em parceria com a literatura surda seja por criação ou reprodução, ela possibilita aos alunos surdos expressar-se, relacionar-se com outros, demonstrar suas idéias e criações. A escola dita para surdos, de surdos, bilíngue ou inclusiva deveria dispor de espaço, tempo e recursos para esta área do conhecimento.

Da mesma forma, apresentar aos alunos surdos, possibilidades de uso da língua para além da conversação, seus aspectos estéticos e possibilidades de produção na língua de sinais. compreendo como Andrade (2012, p. 192) que os alunos precisam ser despertados para escola, perceberem qual seu lugar nela e a partir disso construir relações e poderem se posicionar frente ao significado que a escola tem em suas vidas.

Estamos em um novo tempo histórico em que a literatura surda está em evidência e tem sido tema de encontros, festivais, eventos que reúnem artistas surdos do Brasil e do Mundo.

Assim, o avanço da expansão da Literatura Surda permite que as escolas possam se utilizar desses materiais na construção de um acervo rico e ofertá-lo para os alunos, garantindo novas possibilidades de trajetórias para eles. Essa reflexão nos ajuda a pensar sobre a diversidade de trabalho com a Literatura Surda que há muito tempo queremos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, S. (2012). **A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas**. In: MEYER, Dagmar; PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. Belo Horizonte: Mazza Edições, 173-194
- FENEIS. **A Educação que Nós Surdos Queremos**. 23 f. Documento elaborado pela Comunidade Surda durante o V Congresso Latino Americano de Educação Bilíngue para Surdos. Realizado no Salão de Atos da UFRGS em Porto Alegre/RS: 20 à 24 de abril de 1999. Disponível em: <https://issuu.com/feneisbr/docs/documento_a_educacao_que_nos_surdos>.
- GAVA, Á. A. (2016). Breves considerações sobre a literatura surda. **Acta Semiótica et Lingvistica**, [s. l.], v. 20, n. 2. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/actas/article/view/27945/15015>>. Acesso em: 4 jun. 2018.
- KARNOFF, L. B. (2010). Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. **Cadernos de Educação** (UFPEl), v. 19, 155-174.
- KARNOFF, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise. **Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira**. In: KARNOFF, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (orgs.). Cultura Surda na Contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações. Canoas: Ed. ULBRA, 2011.
- MIRANDA, W. de O. **A experiência e a Pedagogia que nós surdos queremos**. Porto Alegre, UFRGS, 2007. 163 f. (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação de Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- MOURÃO, C. (2016). **Literatura surda: experiência das mãos literárias**. Porto Alegre, UFRGS, 2016. 287 f. (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação de Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- MUNDURUKU, D. (2018). Reflete sobre a Literatura Indígena. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=SNiCVnf8uCg&t=176s&list=WL&index=2>. Acesso em 1 jun. 2018
- ROSA, F. S. (2006). Literatura Surda: criação e produção de imagens e textos. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v.7, n.2, p.58-64, ISSN: 1676-2592.

